



O desabafo do ambientalista

Vocês, caríssimos leitores, já vêm acompanhando meus textos nesta revista desde 2006, o que lhes agradeço com muito respeito. Confesso-lhes que escrevo cada artigo com carinho e dedicação, pensando em como tornar sua leitura agradável, como transmitir um pouco do trabalho de consultor jurídico ambiental. Como sabe, cada atividade de nossas vidas tem suas peculiaridades e, assim, assistimos a vitórias e, outras vezes, a desfechos não tão bons...

Como todos nós sabemos, nem tudo na vida são triunfos e vitórias; passamos por dificuldades, algumas mais severas que outras. Muito embora existam fases diferentes na vida, tanto pessoal quanto profissional, é importante saber conduzir o desfecho rumo à solução. Neste artigo, com um título um pouco melancólico, gostaria de passar ao prezado leitor o que me sucede, tanto como cidadão quanto como advogado.

Minha família possui uma fazenda média no município de Paraibuna (SP), na estrada Salesópolis-Paraibuna, localizada entre São José dos Campos e Caraguatatuba (litoral norte paulista), adquirida no final dos anos 80 e na qual o antigo proprietário criava gado para leite.

Do ponto de vista ambiental, a região é marcada pela presença de cadeia de montanhas, rios, riachos e belas paisagens, característica da Serra do Mar, onde há o famoso Parque Estadual de mesmo nome. Do ponto de vista econômico e social, é conhecida como um imenso “mar de

morros” e pequenas “vilas”, antigamente com pobre infraestrutura urbana. Bem, para nós o local era usado como recreio, onde, raramente, íamos andar a cavalo, pescar, acampar e passear. Verificando que a região não é propícia para a criação de gado, por ser montanhosa e longínqua, os proprietários locais foram, aos poucos, destinando suas terras para outras finalidades: ecoturismo, condomínios de lazer ou silvicultura de eucaliptos e pinus.

Minha família buscou alternativas similares e deu início, em 2006, ao plantio de eucalipto por meio de programa de fomento. A razão foi clara: dar destinação às terras de forma razoável e cumprir a função social da propriedade. Acredita-se que a opção sensata e justa é dar uso e finalidade para a propriedade rural, gerar renda e empregos, recolher tributos e fomentar o crescimento local e regional. O que se percebe é o crescimento socioeconômico da região desde que os plantios de eucalipto e pinus lá chegaram, ou seja, os pequenos e

médios proprietários puderam ter uma renda extra, a partir de outra atividade em suas glebas de terra. Vizinhos sítiantes e pequenos fazendeiros hoje podem enviar filhos para escolas particulares e universidades, possuem veículo próprio, planos de saúde e já têm condições até de pagar por tratamento dentário. Ah, sem contar na execução da obra de pavimentação e asfaltamento da estrada Salesópolis-Paraibuna, que está deixando-a ótima!

Enfim, o resumo desta ópera-bufa é que em 2006 foi dado início ao plantio de eucaliptos na propriedade, de acordo com as melhores práticas de planejamento e implantação da silvicultura, como de praxe é feito.

O engraçado, para não dizer funesto e trágico, é que, após dois anos de atividades, houve autuação por crime ambiental, alegando-se o seguinte: desmatamento e invasão de unidade de conservação!

Nessa ocasião, em julho de 2008, houve a visita do Departamento Estadual de Proteção aos Recursos Naturais (DEPRN)



e da Polícia Ambiental, acompanhados – pasme o leitor – de repórter de televisão, que deu a seguinte chamada: “Empresário de São Paulo desmata área do tamanho do município de Caçapava (SP) no Parque da Serra do Mar”... Confesso-lhes, de coração, que fiquei mais chocado do que todos vocês e ainda hoje busco a motivação para tal atitude.

Percorridos alguns trâmites do processo administrativo, foi realizado laudo técnico pelo órgão e, também, por nosso perito particular para consubstanciar defesa administrativa de manifestação ao laudo técnico e recurso aos autos de infração.

A verdade é a seguinte: o Parque da Serra do Mar NÃO foi invadido por ocasião do plantio de eucaliptos. Houve completa falta de atenção e cuidado na demarcação dos pontos vistoriados... Outro fato apurado: a área total é de aproximadamente 37 hectares, e não do tamanho de um município! Aproveito o ensejo e até brinco: o que eu estaria fazendo hoje se possuísse uma área daquelas dimensões?

Alegou-se, em resumo,

que houve até emprego de fogo para permitir o plantio de eucalipto, o que se sabe tratar-se de completo absurdo, pois o setor florestal não emprega tais métodos rudimentares em suas atividades.

Vale também informar que houve acusação de represamento de corpo hídrico, alteração de qualidade de água – tudo absolutamente sem avaliação criteriosa, sem método científico; enfim, palavras ao vento e que se encontram contrárias nos próprios documentos dos órgãos de licenciamento e fiscalização ambiental...

Desde então, a área encontra-se embargada, e batalha-se para findar a interdição administrativa da fazenda e provar o alegado: o cultivo de eucalipto gera desenvolvimento social e econômico.

Até o final de março, espera-se resposta do julgamento do recurso e manifestação ao laudo, bem como a possibilidade de suspensão da interdição da área para manutenção das mudas de eucalipto e consenso sobre o planejamento territorial da área. Assim, espera-se com

ânimo e energias positivas que se contorne a situação e que ainda haja algum bom senso nos órgãos ambientais para verificarem que apenas estamos produzindo madeira com respeito ao meio ambiente e à sociedade.

O intuito foi transmitir, mesmo que brevemente, a experiência real que vem acontecendo com alguns atores do setor de celulose e papel, razão pela qual se deve atentar para as nuances regionais e os diversos posicionamentos contrários à silvicultura, desprovidos de fundamento técnico ou científico. Tais palavras ao vento devem ser sopradas para outro rumo, e não para o da celulose e papel, que respeita o meio ambiente e, principalmente, o ser humano...

Peço licença, por fim, para fazer minhas as palavras do Dr. Luciano Penido (VCP), que me disse certa vez: “Plantar florestas é também plantar pessoas”.

Prometo contar-lhes o desfecho do caso assim que houver. Um abraço fraterno a todos... 